

Gazeta Medica da Bahia

PUBLICAÇÃO MENSAL

VOLUME XLV FEVEREIRO DE 1914 NÚMERO 8

A lei organica do ensino superior e sua execução

II

Os mais notaveis professores allemães têm se pronunciado com decidido enthusiasmo pelas vantagens da liberdade de aprender de que gozam os estudantes na Allemanha, e da correcção benefica com que sobre elles exercem uma função quasi paternal o Governo e as Corporações docentes, aconselhando-os, porém não lhes impondo os seus programmas de estudos.

Em sua notavel obra sobre o ensino medico nas Universidades allemans, o professor Th. Billroth, com sua auctoridade de eminente scientista e de professor de reputação mundial, fez calorosa apologia do ensino livre e do regimen allemão, e mostrou com grande elevação a influencia do preparo gymnasial e da organização universitaria sobre o desenvolvimento da capacidade mental e a formação do caracter da mocidade alleman.

Deixando de parte o extenso capitulo em que o eximio professor brilhantemente disserta sobre este thema, e acompanhando-o, especialmente, na parte em que trata do ponto que ora discutimos, vemos, em rapida synthese, que, analysando o plano de estudos,

as materias e exames que constituem o *quadriennium* das universidades allemans e o *quinquennium* das universidades austriacas, diz o illustre professor:

“Sobre a ordem ou sequencia em que devem ser estudadas as materias, não ha nada directamente fixado (*ist nirgends etwas direct fixirt*): todavia, no imperio allemão a frequencia das clinicas como praticante depende indirectamente do *Tentamen physicum* prévio, em Praga do attestado de frequencia das materias que constituem este exame, em Vienna, Graz, Innsbruch não ha restricção alguma para a ordem ou sériação dos estudos.

O antigo *Tentamen Physicum* das universidades allemans era o exame prestado, sempre depois de quatro semestres de frequencia provada, correspondendo ao exame preliminar ou primeiro *Rigorosam* das universidades austriacas, comprehendendo physica, chimica, mineralogia, botanica, zoologia, anatomia e physiologia.

A liberdade de aprender, diz um outro notavel professor, W. Lexis, numa obra magistral collaborada por muitos professores allemães e apresentada á Exposição Universitaria, em Chicago, em 1893, — a liberdade de aprender é a correlativa da liberdade de ensinar”.

“Assim como esta é dada na supposição que o docente academico é um investigador scientifico independente, tambem aquella deve sel-o como um requisito para formar no estudante uma capacidade de pensar scientificamente independente,

“A liberdade de aprender, como a liberdade de ensinar, é actualmente nas Universidades allemans

tão completa como illimitada. O estudante escolhe por si mesmo a sciencia e a universidade, o professor e a ordem dos estudos; depende d'elle a escolha das lições que queira ouvir, dos trabalhos que queira fazer, não se exerce sobre elle nenhuma influencia official, ha apenas um conselho que elle póde acceitar ou rejeitar.

“Quem conhece as condições das Universidades e da mocidade allemã não tem mais duvida de que todas as tentativas para estimular a applicação aos estudos por meios de coacção mais ou menos brandos, são inuteis e prejudiciaes; inuteis porque só dão um resultado apparente e não real, prejudiciaes porque enfraquecem o espirito de independencia e da propria responsabilidade.”

Evidentemente pensamos nós seria falsear a orientação do novo regimen que a lei quiz, implantar em nossas Faculdades impedir ao estudante de dar aos seus estudos a direcção em que elle julga encontrar mais depressa luzes que esclareçam seu espirito de investigação, fontes de saber que elle entrevê na marcha dos estudos começados; mudar a directriz que lhe indica sua intelligencia, impedindo-o de seguir o traçado que lhe marca sua intuição scientifica como o mais prompto para alcançar o ideal das pesquisas que já se vão elaborando na actividade creadora de seu espirito, a solução dos problemas que a sua mentalidade consciente sugger e que poderá talvez conseguir com os recursos scientificos que elle vai procurar e com a lição de mestres que elle quer ouvir.

Quantas vezes de um simples curso, dos trabalhos de um pequeno laboratorio surgem notaveis descobrimentos que immortalizam um sabio e glorificam um paiz?

Pasteur iniciou seus memoráveis trabalhos no modesto laboratório da Escola Normal de Paris, inspirado nas lições do grande químico Dumas, e quando no apogêo de suas glórias recebia homenagens do mundo inteiro, dirigiu-se ao seu velho mestre, que o felicitava, nestas phrases repassadas de gratidão e de nobreza;

“Ha quarenta annos tive a felicidade de conhecer-vos e de me ensinardes a amar a sciencia e a gloria,

“Chegava de minha provincia. Ao acabar de ouvir, na Sorbona, cada uma de vossas lições sahia em transporte de verdadeiro enthusiasmo, e desde esses felizes momentos, vosso talento de professor, vossos trabalhos immortaes, a nobreza de vosso character inspiraram me uma admiração, que com a madureza de meu espirito tem grandemente augmentado.”

O immortal Pasteur, cujas pesquisas admiraveis deram os mais brilhantes resultados ás sciencias medicas, ás industrias e á agricultura, nunca fez um curso regular de medicina nem de quaesquer outros estudos profissionaes.

Apaixou-se pelo estudo da chimica e nesse campo que parecia tão estreito, realizou as mais assombrosas e mais fecundas conquistas da sciencia.

Além de ser contraria ao espirito da lei e á indole do novo regimen, a restricção imposta á liberdade de frequencia pelos artigos 13. 14 e 47 do Regulamento das Faculdades de Medicina, importando aos alumnos inutil perda de tempo e sensivel prejuizo na marcha de seus estudos, é em muitos casos odiosa e injusta.

Exemplifiquemos:

1.^o - quando impede o alumno de uma serie de seguir ou frequentar o curso de um professor distincto de série superior, cujas lecções elle quer aproveitar e não terá talvez outra oportunidade de fazel-o porque o desejado mestre vae chegar ao termo de seu exercicio no magisterio;

2.^o - quando o estudante habilitado em quasi todas as materias do cyclo respectivo, não tendo satisfeito apenas numa dellas, é obrigado a repetir esta materia no decurso de um anno e fica inhibido de aproveitar o tempo disponivel na frequencia de qualquer outro curso da série immediata;

3.^o quando um estudante consciencioso e applicado, que acaba de cursar as aulas de um dos cyclos durante o numero de semestres exigidos pelo regulamento para a prova respectiva, julgando-se insufficientemente habilitado em uma das materias, entende repetil-a e não póde iniciar ao mesmo tempo o estudo das materias do cyclo immediato.

Esta intolerancia não está certamente de accordo com a lei, nem com o regimen do ensino livre, que importa egualmente a liberdade de ensinar e a de aprender.

Pensamos como os eminentes professores Th. Billroth e W. Lexis que os meios de coacção são inuteis e prejudiciaes para estimular a applicação aos estudos.

O que é indispensavel é que a educação preparatoria, a instrucção preliminar que abre as portas aos nossos institutos de ensino superior, seja capaz de desenvolver o gosto e o estimulo pelo estudo.

Já o dissemos uma vez, analysando a reforma do ensino actualmente em vigor:

« Enquanto houver em vez de amor ao estudo, simples desejo de obter titulos ou aspiração material de occupar posições; enquanto, em vez do interesse do cumprimento do dever, da satisfação de prestar serviços á sciencia, á profissão e á patria, ambição razoavel e justa de adquirir nome e fortuna pelo trabalho e pelo merecimento, houver a negligencia criminosa da inercia, o indifferentismo que não toma a serio os interesses da sciencia, da profissão ou da patria, a condemnavel tolerancia que confunde o trabalho com a frivola ostentação, o merecimento com a impostura, todas as reformas emprehendidas, transplantadas com cuidado e empenho dos paizes onde têm fructificado, virão mirrar entre nós, tornar-se-ão estéreis, ou pelo menos sem a fecundidade que fôra de esperar.

O celebre professor Helmholtz, deão da Universidade de Berlim, ao tomar posse deste cargo proferiu um notavel discurso sobre a liberdade nas Universidades allemans.

Dirigindo-se á mocidade das escolas, disse elle:

« Possuis, meus jovens amigos, nesta liberdade dos estudantes allemães, um precioso e glorioso legado das gerações passadas. Para guardal-o intacto, tendes cada um, no que lhe diz respeito, de velar para que a mocidade estudiosa allemães se mantenha digna da confiança, que lhe vale tão alto gráo de liberdade. Para os caracteres fracos é esta liberdade um presente tão funesto quanto precioso para os fortes.

« Não vos admireis de que os homens de estudos e

os paes de familia cogitem algumas vezes em instituir entre nós um systema de vigilancia analogo ao que funciona na Inglaterra.

«E' fóra de duvida que um systema similhante salvaria muitos daquelles a quem a liberdade deixa correr para a perda. O Estado e a Nação, porém, têm mais que esperar d'aquelles que são capazes de supportar a liberdade e cujos esforços e trabalhos não são devidos senão á energia propria, ao imperio sobre si mesmos e ao amor á sciencia».

«Não se impõe a nenhum de vós nem cursos nem professores determinados».

«Tratam vos como homens cuja livre adhesão é preciso conquistar, que sabem fazer a distincção entre o ser e o parecer, a quem não se procura mais persuadir appellando para uma auctoridade qualquer e que por outro lado não se deixariam persuadir por este modo. Toda a preocupação é a de fornecer-vos os meios de beber a sciencia nas proprias origens, nos livros e nos monumentos, na observação dos objectos e dos phenomenos naturaes e nas experiencias.

«Toda a instituição, porém, fundada sobre a liberdade, é obrigada a contar com a intelligencia e o discernimento daquelles que usam della».

«Entre os estudantes já podem distinguir-se os homens de *elite*, que serão os guias intellectuaes da nova geração e que em alguns annos attrahirão os olhos do mundo.

«São estes, principalmente, que em materia scientifica determinam a opinião de seus collegas; os outros deixam-se involuntariamente dirigir por elles. Jovens

espiritos, naturalmente inexperientes e impressionáveis, estão sujeitos a cahir momentaneamente no erro, mas em summa, pode-se contar, sem se illudir muito, que elles sempre voltarão em breve ás idéas justas.

“Taes são pelo menos aquelles que os lyceus nos têm enviado até agora.

“Seria perigoso para as universidades que affluissem para ellas em grande numero estudantes menos cultivados. E' necessario que o espirito geral dos estudantes não possa decahir.

“Se tal acontecesse os perigos da liberdade academica excederiam suas vantagens.

Para evitar este desastre as Congregações das Faculdades com a autonomia que lhes concede a lei organica do ensino devem regulamentar os exames de admissão de modo que não permittam a invasão dos cursos superiores pelos mal preparados que fariam baixar o nivel dos estudos e os credits das instituições docentes.

As Congregações das Faculdades têm na propria lei o correctivo ás faltas que se estão commettendo na execução da reforma do ensino.

Os recursos das Congregações ao Conselho Superior têm sido em alguns casos uma abdição da propria autonomia.

Os institutos de ensino superior são considerados corporações autonomas (art. 2.º).

Pela completa autonomia didactica que lhes é conferida cabe lhes a organização dos programmas de seus cursos (art. 6.º).

A suas Congregações compete:— approvar os programmas de ensino e *rever as disposições regulamentares* (art. 60, letras b e j.)

“As Congregações dos Institutos de Ensino por força da autonomia administrativa e didactica que lhes é garantida pela presente lei, diz o art. 138 do decreto de 5 de Abril de 1911, *ficam com a liberdade de modificar ou reformar as disposições regulamentares e as inherentes á intima economia delles.*”

Esta attribuição deve certamente ser exercida com parcimonia e criterio. Mas, se ha caso em que a Congregação tenha o dever imprescriptivel de exercel-a, é este a que nos referimos nestes artigos, em que o regulamento actual está em desaccordo com o espirito e a lettra da lei organica, com os intuitos expressos da reforma, constantes da exposição de motivos que a precedeu e com as normas do novo regimen, postas em pratica em todos os paizes em que elle foi acceito e consagrado.

Infelizmente, as Congregações não têm mantido, com a firmeza que fôra para desejar, a autonomia que lhes garantiu a lei e o Conselho Superior do Ensino não tem revelado a orientação superior e competente que era de esperar de sua apurada organização.

Conflictos de attribuições, incoherencias e desacertos têm nestes primeiros annos de execução da lei depreciado um tanto a acção do Conselho que devera ser sempre ponderada e benefica.

Alguns institutos superiores, como a Faculdade de Medicina do Rio e o Collegio Pedro II, já recusaram submeter-se a resoluções do Conselho, que taxaram

de illegaes, e repelliram sua intervenção indebita em questões que affectam a autonomia desses institutos.

A Faculdade da Bahia, em sessão de sua Congregação, teve, tambem, occasião de lançar vehemente protesto contra o Conselho Superior do Ensino, que, excedendo a orbita de suas attribuições, pretendeu rever o processo de um concurso de livre docencia, julgando *de meritis* um candidato, por sua maioria leiga na materia.

Por seu lado o presidente do Conselho Superior do Ensino, em seu relatorio de 1911, dirigido ao ministro do Interior, lamenta que as Congregações não procurem zelar como devem, a autonomia que lhes garantiu a lei.

“Por se não ter medido convenientemente o alcance da autonomia conferida, diz elle, casos houve que ao em vez de serem julgados dentro das Congregações foram entregues á solução do governo, *tanto preponderaram ainda os vinculos da antiga dependencia.*”

El o illustre ministro, referendario do decreto da lei organica, em seu relatorio do mesmo anno, mostrando-se leal na execução da lei e coherente com as promessas e garantias exaradas em sua exposição de motivos, confirma no seguinte trecho a sinceridade dos intuitos que animam o governo, de manter a autonomia garantida pelo novo estatuto ás instituições de ensino superior, embora estas por vezes procurem ainda declinar desta prerogativa por consultas inopportunas em materia de sua attribuição e competencia.

“Fiel aos intuitos que dictaram a actual organização, diz o illustre ministro, *o governo deliberadamente tem se recusado a intervir por qualquer forma que seja, nas*

questões de ensino, deixando ás Congregações a sua completa autonomia, só limitada pelos proprios lineamentos da Lei Organica, dentro da qual a sua liberdade é completa nada podendo contraditar a sua autoridade?"

Commentando a reforma do ensino, em artigos que publicamos neste *Diario*, em 1911, logo depois da promulgação da lei, inquiriamos entre temores e esperanças:

“Terão as instituições docentes a vitalidade e força necessarias para exercer esta autonomia que lhes confere a lei nova?”

Manter-se-á no governo o espirito liberal e a intuição superior indispensaveis para conservar esta autonomia, e preserval-a das intervenções, que a politica partidaria muitas vezes exige e que têm sido uma das causas mais poderosas da decadencia do ensino entre nós?

Folgamos de registrar o proposito que tem o governo de se manter fiel a seus compromissos, respeitando no cumprimento da lei a autonomia garantida aos institutos de ensino superior.

A's corporações docentes e ao Conselho Superior de Ensino estão, portanto, entregues os destinos dos institutos e o futuro e progresso da instrucção superior. A elles cumpre usar com firmeza e isenção das prerogativas conferidas pela lei, resolvendo com seu elevado criterio as questões didacticas e administrativas de sua competencia, para que a descentralização operada pela actual reforma traga ao ensino todas as vantagens que o paiz tem o direito de esperar.

Desprezando pequenas rivalidades e descabidas presumpções de primazia, os representantes das

differentes escolas, conscios da responsabilidade que cabe a cada uma dos institutos, autonomos didactica e administrativamente, não podem permitir a pretensão, que se tem manifestado no Conselho, de impôr qualquer dos institutos suas disposições regulamentares aos estabelecimentos congeneres.

Tratando deste assumpto, em artigos que já publicamos por occasião da promulgação do decreto da reforma, estabelecemos as seguintes conclusões:

"Os regulamentos das Faculdades devem attender ás circumstancias especiaes e condições locais de cada uma e respeitar sua autonomia, observadas as disposições da lei organica do ensino, dentro de cuja orbita cada instituição deve mover-se livremente, sem subordinar-se a influencias extranhas a seu centro de acção e menos interessadas em sua vida e seu progresso".

"A uniformidade dos regulamentos das Faculdades só póde assentar nos pontos basicos da lei organica do ensino; fóra destes seria attentatoria da autonomia de cada instituição docente".

Já vão longos estes artigos e para terminal-os fazemos votos para que se realizem os melhores vaticinios que nestas mesmas columnas fizemos após a decretação da lei, e que, confirmando as esperanças que em animadoras previsões suggeria-nos a pratica do magisterio e a experiencia da direcção da Faculdade que já exercemos, -- o Conselho Superior do Ensino e as Congregações timbrem em exercer as suas attribuições com a superioridade e competencia, o criterio e isenção que o paiz tem o direito de esperar

de corporações constituídas pela *elite* scientifica de uma sociedade culta.

Praz-nos lembrar ainda, hoje, o que dissemos então:

— “A criação do Conselho Superior do Ensino foi uma das melhores concepções da recente reforma, e a organização, as attribuições e funcções, que lhe deu a lei organica, inspiram fundadas esperanças de que esta corporação resolva com isenção e competencia as questões relativas ao ensino superior, e promova os melhoramentos necessarios á instrucção, dando ás instituições docentes a estabilidade e o espirito de continuidade e de progresso que convem á sua organização.

— “Regulador e arbitro das questões que interessam á instrucção superior, o Conselho deve ser o propugnador constante das instituições docentes, cujo futuro dependerá, principalmente, de sua orientação sabia e providente.

— A efficacia do novo regimen depende essencialmente da bôa comprehensão da liberdade *docendi et discendi*, da autonomia didactica, como ella se exerce no regimen universitario allemão, sem as hesitações de consultas subalternas e inúteis e sem as intervenções superiores inopportunas e exorbitantes, em questões cuja solução deve ser dirimida pelo executor natural e responsavel perante a lei.

E’ este o nosso modo de pensar, e que não nos levem a mal estas despreziosas ponderações, que traduzem sómente o interesse que nos inspira o ensino e o progresso da Faculdade, e a affeição que prende ainda o velho professor a essa querida e sempre lembrada *alma mater*, de que é filho.

PACIFICO PEREIRA

Le Foie dans le Paludisme Chronique

(*Diagnostic physique et fonctionnel*)

PAR LE

Professeur CLEMENTINO FRAGA
de la Faculté de Médecine, Bahia-Brésil

RAPPORT

présenté au XVII Congrès International de Médecine de
Londres le 9 Août 1913.

Le diagnostic des affections hépatiques dans les états autonomes ou secondaires, ne doit pas se restreindre à l'exploration physique, car cette exploration ne peut nous renseigner que sur le volume, la forme, la consistance et la sensibilité de l'organe examiné.

Il nous faut explorer l'activité fonctionnelle, parce que l'évaluation de la capacité fonctionnelle de tout organe, du foie, en particulier, devient nécessaire à la diagnose clinique.

Les altérations hépatiques, dans le paludisme chronique; dont l'existence est signalée *nemine discrepante*, ont été, jusqu'à présent, constatées, à ce que je sache, seulement aux dépens du diagnostic physique.

Mais ces altérations sont si différentes les unes des autres, et nous semblent si mobiles et, en outre, réductibles aux agents thérapeutiques, que nous sommes, le plus souvent, portés à croire qu'il ne

s'agit pas d'une perturbation profonde, dans la majorité des cas.

De ce fait, ayant soupçonné que le bilan des altérations hépatiques, leur importance, l'extension et la nature des lésions dans le paludisme chronique, étaient peut-être exagérées, je me suis décidé, depuis quelques années, à explorer d'une façon très minutieuse, le foie des malades atteints de paludisme chronique, car j'ai toujours tenu à la recherche de la vérité clinique.

Il est certain que nous avons parfois constaté l'augmentation du foie qui, presque toujours, conserve ses limites normales et rarement se trouve diminué.

L'augmentation du volume dénonce une congestion ou une hépatite chronique, selon l'intensité du processus morbide et l'âge de la lésion. Les cirrhoses atrophiques et hypertrophiques sont aussi consignées dans le cadre des altérations hépatiques de la grande maladie tropicale; mais chez les malades qui m'ont servi à des recherches épuisantes et très scrupuleuses, au point de vue de l'examen fonctionnel, je n'ai pas eu l'occasion de constater l'existence de la cirrhose.

Du reste, avec l'appui de quelques auteurs, les Italiens, en particulier, je pense que le paludisme ne produit pas de cirrhose. Dans les cas de cirrhose que j'ai eu l'occasion d'observer, (cirrhose aux antécédents paludéens), je ferai remarquer que l'alcoolisme et la mauvaise nourriture y avaient beau jeu.

La cirrhose paludéenne pigmentaire, elle-même, dont KELSCH et KIENER et LANCEREAUX font

si grand cas, ne me semble provoquée que par les effets de l'alcoolisme.

Pourquoi donc en rendre le paludisme responsable, si ces causes, par elles seules, sont capables de produire la maladie?

Dans le paludisme chronique les réinfections et les récurrences peuvent occasionner dans l'organisme des lésions durables et constantes.

Il est question, évidemment, d'une maladie à long délai; en clinique, il faut bien le signaler, on doit appliquer le terme PALUDISME CHRONIQUE à l'infection invétérée caractérisée par des lésions phlegmasiques et par l'hypermégalie des organes hématopoïétiques, ainsi que par l'anémie; le paludisme chronique est bien le paludisme tertiaire de GRALL et MARCHOUX, auquel les accès fébriles intercurrents donnent un cachet tout particulier dans cette phase de la maladie; le paludisme chronique, en un mot, traduit une infection lente qui n'est pas encore arrivée à la cachexie — phase extrême de l'évolution chronique, caractérisée par une altération humorale profonde et par des déterminations pathologiques viscérales aux caractères dégénératifs.

Dans le paludisme chronique, tant que l'organisme peut faire face aux atteintes du mal, c'est-à-dire, avant la cachexie, on observe à titre de phénomène clinique, des accès fébriles récidivants, de l'asthénie générale, de l'amaigrissement, de la splénomégalie, parfois considérable, ainsi que je l'ai remarqué chez

quelques uns de mes malades; en outre, on y signale l'hépatomégalie, pas toujours accentuée, des perturbations dyspeptiques plus ou moins intenses et de l'anémie. Il est à remarquer que cette anémie n'est pas toujours l'expression unique de paludisme, mais, d'après ce que j'ai souvent observé, l'effet aussi de la verminose, fort commune chez les individus qui habitent des contrées palustres.

Dans le sang, principalement au moment des récidives fébriles, on rencontre en général les formes jeunes et adultes (gamètes et schizontes) de l'hémocytazoaire de la tierce.

Les altérations hépatiques dans le paludisme chronique correspondent au point de vue anatomopathologique, aux lésions de l'hépatite hypertrophique par l'hypertrophie cellulaire simple et hyperplasique, diffuse ou nodulaire.

A l'examen physique on trouve le foie augmenté d'un ou deux centimètres, au niveau de la ligne mammaire, et nous ferons remarquer que souvent il n'existe point une augmentation sensible du volume de l'organe, dont la consistance est modifiée et dont la palpation provoque une légère douleur surtout dans le lobe gauche. Dans les cas où j'ai rencontré une grande augmentation de volume, ainsi que de la subictère, une sensation de poids à l'hypocondre, et de la douleur à la pression, d'autres causes, telles que l'alimentation défectueuse et l'alcoolisme entraînent presque toujours en jeu simultanément.

Mais l'examen physique, qui ne peut aller au-delà de la vérification du volume, de la consistance et de la sensibilité de l'organe, ne saurait absolument éclairer notre jugement clinique au sujet des déterminations hépatiques du paludisme et resterait forcément indécis et vague. Il nous fallait donc avoir recours à l'examen fonctionnel du foie. Et c'est justement ce que j'ai mis à l'œuvre dans ma clinique. Beaucoup d'observations ne peuvent être consignées dans cette communication parce qu'elles sont incomplètes, dès qu'il s'agit de recherches très longues et qui exigent plusieurs jours; il arrive que la plupart des malades abandonnent l'hôpital aussitôt que l'accès intermittent disparaît.

Nombreuses sont les méthodes proposées pour l'exploration fonctionnelle du foie, ce qui nous rend assez difficiles, les recherches cliniques, et non seulement difficiles, mais aussi fort délicates et fatigantes. Chaque procédé, en se portant particulièrement sur une fonction, n'est pas en mesure de nous informer avec exactitude au sujet de l'insuffisance globale, car nous le savons bien, la solidarité fonctionnelle « n'est qu'assez relative » d'après la phrase très exacte de GOUGET.

Pour déterminer la capacité fonctionnelle du foie, je me sers des procédés suivants, parce qu'ils m'ont paru les plus pratiques: — dosage itératif de l'urée; recherche répétée, aussi pendant quelques jours, de l'urobilinurie; preuve de l'ammoniurie expérimentale;

glycosurie provoquée; élimination du bleu de méthylène (procédés de ROCHL., de Genève, et de CHAUFFARD, CAVASSE et CASTAIGNE) et finalement, lipémie alimentaire. Ce n'est point ici l'endroit et le moment de faire des considérations minutieuses sur la technique de ces procédés dont j'ai suivi scrupuleusement toutes les voies essentielles.

Étant reconnue l'intervention du foie dans le métabolisme azoté, il est logique de conclure que les altérations hépatiques peuvent entraîner des modifications de l'azoturie.

L'hypoazoturie sera donc l'index de la réduction fonctionnelle, de l'insuffisance pathologique du foie; et CHAUFFARD a très bien démontré qu'il y a de l'hypoazoturie, même dans les cas de lésions légères de la cellule.

Pour explorer, chez nos malades, la fonction uréogénique, nous sommes servis de l'épreuve de l'ammoniturie, ainsi que du dosage de l'urée, pendant des jours consécutifs, dans le but de fixer la moyenne de l'élimination.

Nous sommes d'avis que, dans le domaine clinique, ces recherches suffisent, car le dosage de l'azote total, ainsi que la détermination du coefficient azoturique, à cause des difficultés techniques, ne sont pas applicables à la clinique. L'uréométrie, telle que nous la pratiquons dans notre clinique, en nous renseignant sûrs de la perméabilité rénale, avec un régime fixe et après avoir réussi à normaliser plus ou moins les fonctions gastro-intestinales altérées du malade, dès son entrée à l'hôpital, ayant encore

le soin de doser l'urée pendant plusieurs jours de suite, mérite d'être considérée comme un excellent procédé d'exploration fonctionnelle du foie.

L'hypoazoturie, constatée de cette façon, traduit à notre avis, et comme le signale DEHON, une insuffisance hépatique. Chez quelques uns de nos malades nous avons observé une légère diminution, qui toutefois, peut être expliquée par l'insuffisance digestive, malgré les soins thérapeutiques qui ont précédé nos observations. L'ammoniurie expérimentale, dans un seul cas, fut franchement positive; tandis que dans deux autres cas il y a eu une légère augmentation eu regard de la quantité de l'ammoniaque total d'avance fixée.

La vérification de l'urobilinurie, chaque fois qu'elle est copieuse et permanente, est de nos jours signalée par un grand nombre d'auteurs, les allemands, en particulier, (*Brugsch*, PLEHN, KRAUS, MORSE, etc.) comme le signe d'une insuffisance hépatique. Nos recherches ont été répétées pendant des jours de suite, dans le but de démontrer la constance de l'urobilinurie. Les résultats obtenus (V. plus loin nos observations) ont été positivement de 50 %.

La glycosurie provoquée (épreuve de COLRAT et LEPINE), a été négative dans tous les cas.

L'élimination du bleu de méthylène, explorée d'après les procédés de CHAUFFARD, CAVASSE et CASTAIGNE, (injection d'une solution à 5 % et selon celui de ROCH, de Genève, (ingestion de 2 milligrs.) nous a donné des résultats contradi-

ctaires, chaque fois que nous comparions les deux procédés entr'eux, ce que nous avons fait dans plusieurs cas. Avec le procédé de ROCH, de Genève, dans la plupart des cas que nous avons observé, le résultat attestait franchement l'insuffisance hépatique.

Il nous reste à parler de la lipémie alimentaire. Cette épreuve, mise en pratique pour atteindre deux buts (démonstration de l'absorption digestive et exploration de la perméabilité biliaire, a été positive dans presque tous les cas. Seulement dans un cas les hémocopies n'ont pas été vérifiées à l'ultramicroscope, après l'ingestion de 30 grammes de beurre.

D'après ces épreuves de l'examen fonctionnel (1), et qui sont consignées, sommairement, dans les observations ci-jointes, on peut constater que le foie n'est pas profondément atteint dans le paludisme chronique, malgré l'évolution prolongée et trainante de la maladie.

CONCLUSIONS

— I —

Les déterminations hépatiques du paludisme chronique n'amènent pas des troubles profonds dans la viscère; ce sont des altérations mobiles, généralement légères et guérissables par les moyens thérapeutiques ordinaires.

(1) Les épreuves expérimentales ont été réalisées dans le laboratoire de la 2^e Chaire de Clinique Médicale, avec la coopération de l'assistant, M. le Docteur JOSÉ OLYMPIO et de l'Interne ASSIS SOUZA.

— II —

Le diagnostic physique ne peut saisir qu'une simple augmentation de l'organe, qu'on trouve quelquefois douloureux à la pression, au niveau du lobe gauche, ou épigastrique; mais le foie n'accuse, le plus souvent, aucune modification de volume, de forme, de consistance ou de sensibilité.

— III —

L'examen fonctionnel, pratiqué chez nos malades, et toujours allié à la recherche de la moyenne de l'élimination de l'urée et de l'urobilinurie, aux épreuves de l'ammoniurie expérimentale, de la glycosurie et de la glaucurie provoquées et à celles de la lipémie alimentaire, ratifie et s'accorde parfaitement avec le diagnostic physique.

— IV —

Je me permettrais donc de conclure que, d'après mes observations cliniques dans les contrées malarieuses, les troubles hépatiques, dans le paludisme chronique, lorsqu'ils sont intenses, sont dûs à la corresponsabilité d'autres causes et, en particulier, à l'alcoolisme et à la mauvaise nourriture.

OBS. I

(Service du Professeur Fraga)

R. Santos, mulâtre, célibataire, 39 ans, ouvrier, Sergipe.

Entrée à l'hôpital (le 20-V-13).

Infection initiale, il a quelques années; réinfection et récidives.

Anémie. — Foie 10 centimètres au niveau de la ligne mammaire.

Rate — 17 cents. de diamètre vertical et 28 de diamètre transversal.

Troubles dyspeptiques. Recherche de l'hématozoaire positive.

Examen fonctionnel

Urine 22-V-13.

Quantité	1.200 c. c.
Réaction	acide
Aspect	limpide
Odeur	normale
Couleur	rougeâtre
Densité	1,012
Urée	15.372 % o o
Acide urique	0.35
Chlorures	11.58
Albumine	negative
Glycose	»
Pigments biliaires	traces
Urobiline	il y a
Ammoniaque	0.60
Urée et urobiline (recherches journalières)	
(le 26-V-13) Urée	17.934 % o
Urobilinurie franche	
(le 30-V) Urée	16.750
Urobilinurie	
(le 31-V) Urée	11.529
Urobilinurie	
(le 2-VI) Urée	21.777
Urobilinurie	

(le 6 - VI)	Urée	16.650
	Urobilinurie	
(le 7 - VI)	Urée	21.777
	Urobilinurie franche	
(le 8 - VI)	Urée	11.529
	Urobilinurie	
(le 10 - VI)	Urée	14.091
	Urobilinurie négative	
(le 11 - VI)	Urée	16.653
	Urobilinurie légère	
(le 12 - VI)	Urée	15.372
	Urobilinurie légère	
(le 13 - VI)	Urée	17.934
	Urobilinurie	
(le 14 - VI)	Urée	17.934
	Urobilinurie	
(le 17 - VI)	Urée	16.563
	Urobilinurie négative	
(le 18 - VI)	Urée	20.744
	Urobilinurie	
(le 19 - VI)	Urée	21.777
	Urobilinurie	
(le 20 - VI)	Urée	25.620
	Urobilinurie légère	
(le 23 - VI)	Urée	19.215
	Urobilinurie négative	
(le 25 - VI)	Urée	17.934
	Urobilinurie négative	
Ammoniurie expérimentale négative		
Glycosurie	»	»
Lypémie positive		

Bleu de méthylène Rock: première période—urine			
décolorée.			
	deuxième	»	urine
décolorée.			
	troisième	»	urine
colorée.			

Sang: Dosage de l'urée	0 50 %
Hématies	3.238.000
Leucocytes	5.293
Hémoglobine	0.60 %
Relation globulaire	1.601
Valeur globulaire	.0.70

FORMULE LEUCOCYTAIRE

Polynucléaires	48.5 %
Grands mononucléaires	4. %
Eosinophiles	6. %
Grandes lymphocytes	31. %
Petits lymphocytes	9.5 %
Formes de transition	1. %
	<hr style="width: 50%; margin-left: auto; margin-right: 0;"/>
	100. %

OBS II

Service du Professeur Fraga

J. Oliveira, mulâtre, célibataire, 25 ans, ouvrier,
Sergipe.

Entrée le 10-V-1913. Infection initiale, il y a un
an, environ.

Récidives d'accès fébriles.

Anémie, Foie, 15 centimètres au niveau de la ligne
mammaire.

Rate, 9 centimètres de diamètre vertical et 17 de
diamètre transversal. Troubles dyspeptiques.

Examen fonctionnel

Urine (le 11 - V - 13)

Quantité	2.160 c. c.
Couleur	jaune clair
Aspect	légèrement trouble
Odeur	normale
Réaction	acide
Densité	1.010
Urée	15.52
Acide urique	0.94
Chlorures	14.000
Urobiline	il y en a
Albumine	il n'y en a pas
Glycose	»
Pigments biliaires	»
Ammoniaque total	0.90

Urée et urobiline (recherches journalières)

(le 14 - V - 13)	Urée	18,450 ‰
	Urobilinurie franche	
(le 15 - V)	Urée	20.680
	Urobilinurie	
(le 16 - V)	Urée	23.048
	Urobilinurie	
(le 17 - V)	Urée	20.680
	Urobilinurie	
(le 23 - V)	Urée	17.520
	Urobilinurie légère	
(le 24 - V)	Urée	15.920
	Urobilinurie négative	
(le 26 - V)	Urée	12.810

	Urobilinurie	
(le 27 - V)	Urée	13.680
	Urobilinurie négative	
	Ammoniaurie expérimentale négative	
	Glycosurie	»
	Bleu de méthylène Roch: première	
	période—urine colorée	
	deuxième »	»
	troisième »	» décolorée
	Lypémie alimentaire positive	
Sang:	Hématies	3.991.000
	Leucocytes	5.425
	Hémoglobine	75 %
	Relation globulaire	1.920
	Valeur globulaire	0.79
	Formule leucocytaire	
	Polynucléaires	36.8 %
	Grands mononucléaires	0.4 %
	Eosinophiles	8.4 %
	Grands lymphocytes	32.6 %
	Petits »	21.2 %
	Formes de transition	0.6 %
		100. %

OBS. III

Service du Professeur Fraga

Balbino Bahia, mulâtre, 27 ans, laboureur, Bahia.
Entrée le 26 - V - 13—Infection initiale, il y a cinq
ans. Accès fébriles intercurrents.

Anémie. Foie, 11 centimètres au niveau de la
ligne mammaire.

Rate, 15: 21 Phénomènes dyspeptiques. Rech. du
hematozoaire positive.

Examen fonctionnel

Urine	800 ct c.
Couleur normale	normale
Aspect	trouble
Odeur	ammoniacale
Réaction	acide
Densité	1.012
Urée	29.493 ‰
Acide urique	1.33
Chlorures	2.73
Glycoses	il n'y en a pas
Albumine	»
Ammoniaque total	3.00 ‰
Urobiline	il y en a beaucoup
Pigments biliaires	il y en a.

Urée et urobiline

(Recherches journalières)

le 2 - VI - 13)	Urée	15,50 ‰
	Urobilinurie	
(le 3 - VI)	Urée	25,75
	Urobilinurie	
(le 6 - VI)	Urée	19,091
	Urobilinurie faible	
(le 7 - VI)	Urée	15,48
	Urobilinurie négative	
(le 8 - VI)	Urée	9,8
	Urobiliaurie négative	

(le 9 - VI)	Urée	11,52
	Urobilinurie négative	
(le 11 - VI)	Urée	9,02
	Urobilinurie négative	
(le 13 - VI)	Urée	15,27
	Urobilinurie négative	
[le 14 - VI)	Urée	10,68
	Urobilinurie négative	
(le 15 - VI)	Urée	9,45
	Urobilinurie négative	
(le 17 - VI)	Urée	10,68
	Urobilinurie négative	
(le 18 - VI)	Urée	11,24
	Urobilinurie négative	
(le 19 - VI)	Urée	14,91
	Urobilinurie négative	
(le 20 - VI)	Urée	15,25
	Urobilinurie négative	
(le 23 - VI)	Urée	21,79
	Urobilinurie négative	
(le 25 - VI)	Urée	18,49
	Urobilinurie négative	

Ammoniurie expérimentale négative

Glycosurie » »

Lipémie alimentaire positive

Bleu de méthylène (procédé de Chauffard et Castaigne) avec le maximum d'élimination de la troisième à la septième heure.

Sang: Hématies 3,890.000

Leucocytes 5.480

Hémoglobine	50 %
Relation globulaire	1.892
Valeur globulaire	0.15
Formules hémoleucocytaires	
Polynucléaire	59,— %
Grand mononucléaires	1,20 %
Eosinophiles	1,80 %
Grands lymphocytes	28,— %
Petits	9,20 %
Formes	0,80 %
	100,00

OBS. IV

Service du Professeur Fraga

A. Novaes, mulâtre, marié, 30 ans, Bahia, coiffeur.
Malade il y a quelques années—Anémie, Foie 81/2,
splénomégalie.

Troubles dyspeptiques.—Recherche de l'hématozoaire-négative.

Examen fonctionnel

Urine—(1-VI-13)	
Volume	1200 c. c.
Densité	1006
Réaction	acide
Urée	10,248 %
Acide urique	0,36
Chlorures	7,73
Albumine	1,5
Pas de cylindres, de glycose et de pigments biliaires.	
Ammoniaque	0,70

URÉE et UROBILINE

(3-VI-13)	Urée	10,248 ‰
	Urobilinurie négative	
(le 4)	Urée	16,653
	Urobiline négative	
(le 5)	Urée	10,250
	Urobiline négative	
(le 6)	Urée	8,967
	Urobiline négative	
(le 7)	Urée	8,907
	Urobiline négative	
(le 8)	Urée	8,976
	Urobiline négative	
(le 9)	Urée	10,248
	Urobiline négative	
(le 15)	Urée	8,405
	Urobiline négative	
(le 18)	Urée	7,686
	Urobiline négative	
(le 19)	Urée	8,967
	Urobiline négative	
(le 20)	Urée	8,967
	Urobiline négative	
(le 23)	Urée	10,248
	Urobiline traces	
(le 25)	Urée	10,248
	Urobiline traces	
	Glycose alimentaire	négative

Bleu de méthylène (procédé de Chauffard et Castaigne élimination à partir de la deuxième heure et finissant à la cinquième.

Ammoniurie expérimentale— négative

Lipémie alimentaire— négative

Examen hematologique

Hématies	2,033,600
Leucocytes	5,580
Hémoglobine	40 %
Valeur globulaire	0,97 %
Relation globulaire	1,364

Formule hemoleucocytaire

Polynucléaires	37,03
Mononucléaires	5,71
Grands lymphocytes	38,00
Petits lymphocytes	20,40
Eosinophiles	5,56
Formes de transition	1,30

OBS. V

Service du Professeur Anisio

A. L. Silva, 22 ans, célibataire, blanc, Bahia, laboureur. Entré à l'hôpital le 31 III 13. Malade il y a 8 ans, environ.

Symptômes de paludisme chronique avec des recherches d'hématozoaires.

Foie, 14 centimètres au niveau de la ligne mammaire.

Rate, diamètre vertical, 16 centimètres; diamètre oblique 29 centimètres.

Urine (le 10 - V - 13)

Quantité nyctmerique	964
Densité	1,022

Réaction	acide
Couleur	normale
Odeur	»
Aspect	trouble
Matériaux solides	40.82
Urée	17.934 %
Acide urique	0.03
Chlorures	18.09
Phosphates	2.86
Albumine	négative
Glycose et pigments biliaires	»
Ammoniaque	2.25

**DOSAGE DE L'URÉE PENDANT PLUSIEURS
JOURS CONSÉCUTIFS ET RECHERCHE
DE L'UROBILINURIE**

(le 14)	Urée	25,620
	Réaction positive de l'urobilinurie	
(le 15)	Urée	32,025
	Urobilinurie	
(le 17)	Urée	32,025
	Urobilinurie	
(le 20)	Urée	21,777
	Urobilinurie (atténuée)	
le 22)	Urée	20,140
	Urobilinurie (négative)	
(le 24)	» (»)	
(le 27)	Urée	20,996
	Urobilinurie (traces)	

Ammoniurie expérimentale négative

Glaucuris — Procédé de Roch (de Genève)

Première période légèrement colorée

Deuxième » fortement »

Troisième » décolorée.

Glycosurie alimentaire — négative

Lypémie alimentaire — hécomonies dans le sang,
deux heures après l'administration de 30 gram-
mes de beurre.

SANG

Hématies	4.805.000
Leucocytes	6.440
Hémoglobine	70 %
Valeur globulaire	0.70 %
Relation globulaire	1.746

FORMULE HÉMOLEUCOCYTAIRE

Polynucléaires	64,8
Mononucléaires	0,8
Eosinophiles	3,5
Grands lymphocytes	13,8
Petits »	15,4
Mastzellen	1,7
	<hr/>
	100

OBS. VI

(Service du Professeur Fróes)

J. B. Rocha, mulâtre, 13 ans. Bahia, service do-
mestique. Malade il y a 3 ans. Anémie, hepatome-
galie (15 centimètres au niveau de la ligne mam-
maire) Splénomégalie (16 cents. diamètre vertical.

26 cents. diamètre oblique. Recherche de l'hématozoaire-positive. — Entrée 1-1-13).

Examen fonctionnel

Urine—(10-V-13)	
Quantité nychtmérique	1.900
Densité	1.010
Aspect	trouble
Couleur	rougeâtre
Réaction	acide
Odeur	ammoniacale
Urée	11,529
Acide urique	0,58
Chlorures	12
Albumine, glycose et pigments biliaires	absents
Ammoniaque	0.90

Dosage répété de l'urée et recherche de l'urobilinurie

(le 15 - VI - 13)	Urée	14,091 ‰
	Urobilinurie (peu accentuée)	
(le 16)	Urée	14,000
	Urobilinurie	
(le 17)	Urée	8,967
	Urobilinurie	
(le 22)	Urée	17,934 ‰
	Urobilinurie	
(le 24)	Urée	15,372
	Urobilinurie	
(le 26)	Urée	16,65
	Urobilinurie	

(le 27) Urée 14,091

Urobilinurie

Ammoniurie expérimentale positive

Lipémie alimentaire positive deux heures après.

ELIMINATION DU BLEU DE MÉTHYLENE:

Première période urine colorée

Deuxième » » fortement colorée

Troisième » » décolorée

Glycosurie alimentaire — négative

EXAMEN DU SANG

Hématies	3,186,800
Leucocytes	8,060
Hémoglobine	50 %
Relation globulaire	1,395

FORMULE HÉMOLEUCOCYTAIRE

Polynucléaires	60,6
Eosinophiles	0,8
Mononucléaires	1,4
Grands lymphocytes	7,4
Petits lymphocytes	25,2
Formes de transition	4,6
	<hr/>
	100.00

OBS. VII

Service du Professeur Fraga

M. Amancio, mulâtre, célibataire, 24 ans, laboureur, Bahia Entrée (le 15-IV-13) infection initiale

il y a plus d'un an. Anémie—Foie 12 centimètres au niveau de la ligne mammaire. Rate, 13 cents. diamètre vertical et 28 centimètres diamètre transversal.

Troubles digestifs: recherche d'hématozoaire — positive.

EXAMEN FONCTIONNEL

Urine (le 10-V-13)

Quantité	694
Couleur	normale
Aspect	trouble
Odeur	normale
Réaction	acide
Densité	1,000
Urée	12,810 ‰
Acide urique	0,38
Chlorures	6,00
Pas de glycoses et de pigments biliaires	
Albumine (1 gramme) pas de cylindres.	
Ammoniaque total	0,40

Urée et urobiline — (recherches journalières)

(le 14-V)	Urée	11,529 ‰
	Urobilinurie franche	
(le 15)	Urée	10,248
	Urobilinurie	
(le 16)	Urée	11,520
	Urobilinurie	
[le 17)	Urée	11,530
	Urobilinurie	

(le 22)

Urée

10.248

Urobilinurie

Ammoniurie expérimentale — peu accentuée

Elimination du bleu de méthylène:

1re période Urine franch. Colorée

2e » » » »

3e » » décolorée

Lipémie alimentaire — positive

Glycosurie alimentaire — négative

OBS. VIII

Service du Professeur Fraga

J. F. Santos, nègre, célibataire. 35 ans, charretier Bahia. Entrée le 20-V-13. Infection initiale, indéterminée.

Anémie. Foie normal. Splénomégalie. Dyspepsie. Rech. hématoz - positive.

EXAMEN FONCTIONNEL

Urine (le 22-V-13)

Quantité	1,050
Couleur	claire
Aspect	limpide
Odeur	normale
Réaction	acide
Densité	1,012
Urée	17,934
Acide urique	0,40
Chlorures	6,75
Urobiline	il n'y en a pas
Glycose	»

Grands lymphocytes	20.83
Petits »	20.00
Formes de transition	0.35
	100.00

A larva da MUSCA DOMESTICA é habitualmente
necrophaga?

PELO

DR. OSCAR FREIRE

*Professor da Faculdade de Medicina da Bahia—Director
do Serviço Medico-Legal do Estado da Bahia.*

E' corrente incluir entre os meios que constituem *habitat* normal, constante das larvas da *Musca domestica* os cadaveres humanos e de animaes em putrefacção.

MÉGNIN, cujos estudos sobre a fauna dos tumulos na França são conhecidos de todos o collocando a mosca domestica na primeira turma dos trabalhadores da morte, affirma clara e decididamente que ella vae aos cadaveres para realizar a postura. No seu livro sobre «*Parasitos articulados*» diz elle: «O genero *Musca* comprehende varias especies; contentar-nos em assignalar a principal, de que temos encontrado a larva nos cadaveres, a *Musca domestica*....». Similhantermente na «*Fauna dos cadaveres*» tratando do genero *Musca* assevera do modo mais peremptorio:

«As larvas deste genero, dizem os entomologistas, desenvolvem-se no estrume. E' a verdade, sem duvida, para a maior parte das especies, mas nós as encontramos tambem QUASI CONSTANTEMENTE nos cadaveres expostos ao ar livre, ou inhumados durante o verão.»

E descreve, em seguida, como typo de tal genero a *Musca domestica*. Ainda mais. Posteriormente, occupando-se das applicações medico-legaes de seus estudos, narra que num feto encontrado em uma caixa numa estação ferroviaria parisiense, em 31 de Março de 1886, observou, «na substancia terrosa com cheiro de estrume» que cercava o cadaver, «um certo numero de larvas brancas, pequenas, cylindroconicas, nas quaes reconheceu larvas da *Musca domestica*, que se desenvolvem habitualmente no es-trume». LAZZARETTI diz tambem ter verificado, no cadaver de uma creança, «chrysalidas, em grande parte vasias, de *Musca domestica*, algumas, porém, com o insecto adulto morto».

TASCHENBERG, infermando que a postura se faz numa grande variedade de substancias, allude aos *animaes mortos*.

Principalmente depois que a attenção dos hygienistas se voltou para o estudo das moscas, em especial da *Musca domestica*, como perigosos disseminadores de molestias, raro não é se nos deparar, em monographias e compendios, a indicação de que a *Musca domestica* tem tambem por *habitat* normal, *quasi constante*, de suas larvas os cadaveres putrefeitos. E até naquelles que mais modernamente, accompa-

Quando os estudos de PACKARD, FORBES, HEWITT, HOWARD, NEWSTEAD, etc. dão como *habitat* normal das larvas o estrume de cavallo, encontra-se a de que a larva da *Musca domestica* vive tambem com assertiva frequencia nos cadaveres de animaes em putrefacção.

A minha modesta observação, durante sete annos de pesquisas, depõe contra a frequencia e pela raridade, quasi poderia dizer pela excepcionalidade, da postura da *Musca domestica* nos cadaveres humanos ou de animaes em putrefacção. Em muitas centenas de observações, tenho feito cultivar systematicamente as larvas encontradas em cadaveres e nunca tive occasião de observar larvas de *Musca domestica*.

Em compensação tenho encontrado larvas desta especie no estrume equino constantemente, no bovino algumas vezes, e com menos frequencia em excrementos humanos, tendo podido cultivar-as mais de uma vez.

A *Musca domestica* é, entretanto, segundo tenho observado, uma das moscas mais assiduas nos cadaveres. Nunca deixei de encontral-a em grande quantidade nos cadaveres, fazendo sua nutrição habitual das materias nelles encontradas, mas nunca pude encontrar larvas, nem surprehender a postura nos cadaveres, o que entretanto consegui com a maioria, quasi totalidade, das moscas de igual frequencia.

O facto, que, como era natural, me chamou a attenção, fala eloquentemente da raridade com que, pelo menos entre nós, a *Musca domestica* põe em cadaveres.

E para firmar convicção segura sobre esta raridade procurei realizar alguns ensaios experimentaes.

Em locais em que era abundante a *Musca domestica* expuz fragmentos de carne de açougue ou cadaveres de pequenos animaes (cobayas, gatos, saruês, pequenos cães, etc) em decomposição. Nunca obtive larvas de *Musca domestica*. Si, porém, depositiva no mesmo local estrume equino ou bovino o resultado positivo não se fazia esperar, 24 horas depois pullulavam as larvas.

Capturei mais de uma vez muitas femeas de *Musca domestica* e colloquei-as, sob uma campanula de duas tubuladuras convenientemente arejada, em presença de fragmentos de carne fresca ou já em decomposição. Não logrei ver a postura, nem nunca obtive larvas.

Tentei cultivar em carne de açougue em começo de putrefacção larvas da *Musca domestica*, colhidas no estrume. Só uma vez, de 6 larvas, colhidas no estrume de cavallo, consegui tres pupas, das quaes apenas duas deram a mosca adulta em 8 dias.

Ora, a *Musca domestica* é, de facto, como assignalou HOWARD, «um dos insectos mais difficeis de crear no captiveiro» Mas a sua cultura não é impossivel e o insuccesso das minhas tentativas de cultura nos cadaveres evidentemente só poderia depender de não ter eu fornecido «ao insecto um meio capaz de assegurar ás suas larvas uma nutrição abundante e apropriada», devendo concluir que os cadaveres, si preenchem a condição de abundancia, não realisam a de propriedade. E pude ter a contraprova cultivando

com facilidade a *Musca domestica* no estrume de cavallo.

Pode bem ser que o facto de não encontrar larvas de *Musca domestica* em cadaveres se explique, não por inexistir nelles a postura, mas por não resistirem as larvas á formidável concorrência vital das de outras especies mais fortes, que convivem nos corpos em putrefacção. Esta explicação, entretanto, não se pode applicar ás tentativas experimentaes por mim feitas, nem satisfaz a quem attender á constancia das minhas observações negativas.

O meu intuito é apenas deixar consignado o resultado de minha modesta experiencia. A *Musca domestica* procura, constantemente, os cadaveres, não somente nos primeiros momentos após a morte abandonando os desde o segundo dia (NIEBAZOWSKI), mas em todos os períodos da putrefacção até a redução esqueletica, diminuindo, é verdade, de numero, e desapparecendo até algumas vezes, quando os outros dipteros chegam numerosos. É uma mosca necrophila e necrophaga. Mas a sua larva não é habitual e constantemente necrophaga, os cadaveres não constituem o *habitat quasi constante* della, como pensava MÉGNIN.

Felizmente neste modo de ver não ando isolado; posso, ao contrario, acolher-me á sombra abrigosa de desenganadas competências. O dr. ADOLPHO LUTZ, cuja opinião merece o maior acatamento pela justa nomeada de que goza como especialista, mais de uma, vez escrevendo-me sobre exemplares adultos de *Musca domestica* colhidos em cadaveres, que lhe foram enviados por mim, afirmou-me que «muitas especies

são accidentaes, como a *Musca domestica*, o *Stomoxys calcitrans*, etc.»

BALTHAZARD na sua ultima edição da sua *Medicina Legal*, dá noticia de outros depoimentos valiosos.

«Desde que nosso collega BRUMPT nos fez notar, escreve elle, que a mosca domestica JAMAIS põe ovos nos cadaveres, temos cultivado systematicamente todas as larvas recolhidas dos cadaveres no curso de nossas autopsias e nunca, com effeito, observamos a mosca das janellas (*Musca domestica*)» «MÉGNIN commetteu, pois, um erro collocando este diptero entre os trabalhadores da morte».

Penso que ha exaggero em afirmar que *jamaiz* a *Musca domestica* põe em cadaveres.

Não só nada nos autorisa a duvidar da seriedade e da competencia dos observadores que declararam cathegoricamente ter encontrado e determinado larvas de *Musca domestica* em cadaveres, como tambem nada nos induz a repugnar semelhante possibilidade, nem os habitos da mosca, nem as noções que temos de sua biologia.

Si, como observou GALLI-VALÉRIO, ella pode até «pôr sem difficuldade nas fendas das janellas cheias de poeira e mesmo no espaço comprehendido entre as partes de uma janella dupla», porque negar possa fazer a postura em cadaveres, meio muito mais proprio á evolução das larvas do que os accumulos de poeira?

Aquelles que tem observado bem os costumes da *Musca domestica* e que admitem ser o meio habitual de postura e estrume de cavallo não afastam por com-

pleto a possibilidade de se desenvolverem larvas em outras materias, inclusive em cadaveres.

A bôa doutrina está no particular com BRETON e BRUYANT que, procurando resumir o estado actual dos conhecimentos sobre a biologia das moscas, depois de affirmarem que «resulta das observações de HOWARD, de NEWSTEAD que certas especies preferem o estrume ou os *excreta* de especies determinadas» e que «assim o estrume do cavallo com títue o meio de escolha para o desenvolvimento da *Musca domestica*. . . .», ponderam o seguinte: «De referencia á *Musca domestica*, experiencias cuidadosas effectuadas por FORBES, GRAULT e DAVIS, nos Estados Unidos, demonstraram que, na falta de estrume de cavallo, esta especie põe facilmente no estrume de vacca, nas *podridões*, nos excrementos humanos, nos restos de cosinha, nas peunas podres, nos legumes em putrefacção».

Nada nos autorisa, em meu pensar, a affirmar que a larva da *Musca domestica* não possa ser um hospede, pouco commum, inconstante, raro, talvez mesmo accidental dos cadaveres.

Tenho a observação pessoal de um facto que demonstra não dever ser negada semelhante possibilidade.

O *Stomoxys calcitrans*, é coisa sabida, tem por *habitat*, disem até que exclusivo, o estrume de cavallo e de animaes herbivoros. HOWARD diz que «esta especie não foi ainda creada no excremento humano».

Pois bem. Experimentando em cadaveres de pequenos cães para colheita de moscas cadavericas, no campo, numa roça sita ao Garcia, nesta Capital, sob um telheiro, junto a uma cocheira e a alguns metros

de um estabulo, encontrei, em 21 de Dezembro de 1910, larvas semelhantes ás de *Stomoxys*, as quaes cultivadas deram exemplares adultos cuja identificação com o *Stomoxys calcitrans* foi feita pela nimia gentileza do Dr. ADOLPHO LUTZ. O facto causou-me estranheza, tanto maior quanto, apesar de toda a minha diligencia, não se reproduziu. Serve apenas para demonstrar que não é absurdo admitir-se que larvas de uma mosca, constantemente desenvolvidas em determinado meio, possam ser encontrados em materias outras muito differentes e, no caso, que se não deve negar de modo formal a possibilidade de serem encontradas larvas de *Musca domestica* em cadaveres.

Em resumo, do que tenho observado julgo poder afirmar que a *Musca domestica* adulta procura, com assiduidade e constancia, os cadaveres, mas que estes não constituem HABITAT FREQUENTE, NORMAL, QUASI CONSTANTE de suas larvas, como asseverou MÉGNIN.

30—I—914.

REVISTA DA IMPRENSA MEDICA

Nova classificação das doenças do coração.

— Esta classificação funda-se em três noções fundamentais: noção etiologica; reação anatomica do órgão interessado, donde decorre um pronostico e um tratamento especial a cada sindroma; identificação absoluta que existe entre o coração e os vasos arteriaes.

O coração, com efeito, possui, como as arterias, uma tunica media, o miocardio, uma tunica externa,

o pericardio e uma tunica interna o endocardio. A sua morfologia só aparentemente é diferente da do vaso arterial, e esta apparencia é devida a lei segundo a qual as differenciações estruturales de um orgão são devidas a uma especialisação de funções.

É assim que na aorta predomina o tecido elastico destinado a suportar as variações, por vezes consideravers, da pressão sanguinea. É pelo mesmo motivo que o tecido muscular se torna cada vez mais abundante á medida que as arterias diminuem de calibre,

É por estas razões que o coração possui uma estrutura especial das sua tunicas externa e interna e um musculo com qualidades especiaes, entre as quaes avulta a sua tonicidade.

Se se applica ao coração, considerado como as mais grossa arteria da economia, a classificação adictada para as arterias, seremos levados á classificação segundo a qual existem três grandes doenças do coração:

I A *cardiosclerose*.

II As *cardiarterites*.

III O *cardiateroma*.

A *cardiosclerose*, doença da tunica media; caracterisada pela *hipertensão*, pela impermeabilidade renal.

As *cardiarterites*: doenças das tunicas externa e interna devidas a *infeções*.

O *cardiateroma*; doença da tunica interna (*intoxicações*).

Do mesmo modo haverá para a aorta, a *esclerose aortica*, as *aortites*, o *ateroma aortico*.

Leclercq (*Soc. de med. de Paris.*)